

Entrevista com a atriz Daniella Giusti, a Dani Calabresa

Poucas e Boas da Mari – <http://www.poucaseboasdamari.com>

Por Mari Valadares – MTB: 43155/SP

01. Dani, não tem como começar a entrevista sem perguntar o porquê do apelido “Calabresa”. É por causa do seu sotaque “italianão”?

Isso. Sou de família italiana, então falo alto, puxo o “R”, sou toda meio “barraqueira”. Eu fui trabalhar na Bahia de monitora de criança e eu carregava nos “Rs”: “pega a bola verde”, “pega a bola roxa”. Fiquei conhecida como a tia Italiana e depois tia Calabresa. Aí pegou. Apelido quando pega é um carma, né? Não vai mais embora. (rs)

Como que o meio artístico soube do apelido?

Quando voltei a São Paulo, comecei a encontrar umas pessoas que eu tinha conhecido no hotel e algumas pessoas falavam: “Olha a Calabresa” e meus amigos: “Mentira? Por que Calabresa? É porque dá para 8?” (rs). Daí respondi: “Claro que não, sou uma pessoa integra, cuidava de criança, é por causa do sotaque”. Hoje a minha mãe atende o telefone e fala: “Espera só um pouquinho, Calabre... Dani”. Ela se corrige. Pegou!

02. Vamos falar da estréia do programa humorístico “Sem Controle”, do SBT, que aconteceu dia 28 de março. Sob direção de Henrique Zambelli, responsável pela adaptação da novela Cristal, o “Sem Controle” retrata situações vividas por diferentes tipos de pessoas. Fale um pouco sobre sua participação.

O programa Sem Controle é assim: são várias esquetes cômicas. Por enquanto, não tenho nenhuma participação fixa. TV é uma coisa muito louca, um dia eles querem que eu faça uma participação no hospital, aí eu faço uma enfermeira louca, outro dia eles querem que eu faça uma criança sem educação. É muito improvisado e é bom, porque estou fazendo muito stand up em bar, então é um preparo bacana e aprende TV, né?

Programa Sem Controle, toda quarta-feira, às 23 horas, no SBT

É a primeira vez que você trabalha em televisão?

É a primeira vez que faço TV.

O humor que você faz nos bares, o stand up, é muito diferente do que você faz na televisão?

Especificamente nesse programa sim. No Comédia escrevo os meus textos, né? É meu vocabulário, é meu estilo. Na TV, você tem que adaptar e falar exatamente o que está no roteiro. Está escrito lá: “não seu bobo” e eu falo: “não sua múmia”, o diretor fala: “Daniela, não muda”. Eu sofro, porque humor tem que ter a sua cara. Imagine, quando não posso carregar o sotaque, tenho que ficar me policiando, acho que não tem graça nenhuma (rs). É sofrível.

03. De acordo com os veículos de comunicação, o SBT está apostando em novos talentos para o sucesso do programa “Sem Controle” e também para alavancar a audiência da emissora.

Graças a Deus! (rs)

Você é uma dessas apostas citadas pelos jornais. Você sentiu ou sente o peso de tais afirmações?

Olha, eu devo ter algum parente na mídia (rs) que está me promovendo (rs). Achei que ninguém ia ver nada, que as pessoas não iam saber o meu nome. O meu diretor me chama de Calabresa. Um dia antes do programa, ele me ligou e falou: “Calabresa, seu nome?” e eu falei: “Daniella Giusti”. Era para colocar na chamada do programa. De repente, sai num site, sai uma notinha, é uma coisa muito louca, né? E é bom, uma prova de quando você faz um trabalho bom, as pessoas marcam o seu rosto, memorizam o seu nome e acompanham seu trabalho. Você não precisa ser super famosa para ser conhecida. A cada trabalho que a gente considera pequeno, a cada apresentação num bar ou a cada peça, você tem que dar o seu máximo mesmo, porque as pessoas estão acompanhando. Você pensa que não, mas a gente está sendo vista sempre.

Mas você sente o peso dessas afirmações?

Ainda não. Mas eu sou medrosa, já estou começando a sentir um pouquinho... Só fiz uma participação no programa, foi só uma quarta-feira, muita gente não viu. Meu tio que viu não me achou no programa, porque eu estava de peruca. Então, posso sair na rua tranqüila, ninguém vai me assediar, não tem nada disso ainda. Mas vai dando um medinho. As pessoas ficam falando: “ela está no programa do SBT”, “vamos ver se ela é engraçada”, tipo, é cobrança para o resto da vida.

04. Segundo o blog “Na Telinha”, a coluna Canal 1 (Jornal O POVO), escreveu que o Departamento Comercial do SBT avaliou o programa “Sem Controle”, como um programa muito ruim, impossível de vender. Como você encara essa crítica do departamento da emissora?

É aquela coisa, crítica sempre tem. Eu acho que o pessoal da classe artística sempre vai por defeito em tudo. Você convida o pessoal para assistir um super espetáculo e eles falam: “parabéns, mas que iluminação é essa? E aquele ator? Isso e aquilo”, nunca está perfeito. Se eu falar que vou para a Rede Globo fazer Malhação, para mim vai ser uma grande conquista e as pessoas vão ligar na minha casa e vão falar: “você vai fazer Malhação? Você está louca” ou “vocês não sabem, levei uma personagem minha para A Praça é Nossa”, aí eles falam: “aaah não, mas a Praça é tão sem graça”. Com o Sem Controle, estou tendo uma oportunidade de fazer televisão, aprender, conviver com atores maravilhosos e improvisar muito rápido. A gente fica chateada com essas críticas, até porque a direção não é minha, o roteiro não é meu. Tem um monte de coisas que gostaria de mostrar, que eu não concordo, mas no fim das contas é um trabalho que está me fazendo bem, estou feliz. Então estou relevando tudo, um “beijo, tchau”.

A estreia deu 9,3 pontos na audiência

05. Você e a Marcela Leal, do “Clube da Comédia”, são uma das, ou as únicas, mulheres que participam desse tipo de comédia no Brasil. Tem algum motivo para ter poucas mulheres fazendo comédia stand-up? E quando começou o seu interesse por esse tipo de comédia?

Na minha opinião a mulherada tem medo de se expor ao ridículo. A mulher é muito mais vaidosa que o homem e é muito fácil um homem colocar uma peruca e falar: “Boa noite, gente”. A platéia morre de rir. Você não sabe se ele é uma psicóloga, uma puta, não sabe que personagem ele vai fazer, mas chora de rir. A mulher, não, ela tem que fazer um super trabalho para falar “boa noite”. Não interessa se está com uma blusa ridícula ou não, você tem que querer mergulhar, se expor ao ridículo sem medo e ser inteligente. A Marcela é muito inteligente, escreve muito bem. Eu caí de pára-quadras, porque eu fazia teatro, sou atriz e sempre, todo papel que eu pegava, escorregava para o lado cômico, inclusive quando fazia drama e todo mundo falava: “você vai fazer comédia, você vai fazer comédia”. Comecei a escrever e para mim é aquela coisa do “meu diário”... as pessoas riram, eu falei: “que bom! Arranjei uma profissão.” (rs) E o Márcio (Ribeiro) me deu esse presente de estar no Comédia Ao Vivo, não tinha a menor confiança no meu taco e o Márcio me arrastou. O Fábio (Rabin), o Danilo (Gentili), o Luis (França), todos me dão um apoio, mas não é fácil, tem que lutar muito. Mulher sofre! O público tem preconceito com mulher comediantes.

Calabresa também fez parte do Deboshow (show de humor que debocha de personalidades do meio artístico).

A atriz Agnes Zuliani ministra oficinas de Comédia Stand Up, em São Paulo, como estudiosa.

Não devia, porque seus textos e interpretação são muito bons.

Obrigada, Mari!

06. No blog <http://mmayres.blog.uol.com.br>, Milton Ayres escreve sobre a peça “Banheiro Feminino”, texto de Regiana Antonini e direção de Eduardo Martini (16/08/2006). Na peça você foi Dadinha, a caixinha do banheiro, que presenciava e comentava de forma bem humorada todas as situações das mulheres. Ayres não poupa elogios para falar de sua atuação: “Calabresa tem um timing perfeito para a comédia”.

[Danilo Gentili aparece para conversar com a Calabresa]

O Danilo está fazendo uma participação na minha entrevista. Eu quero isso marcado. (rs) Você vai editar tudo isso, né?

Claro! (rs)... Continuando... Eu já vi você fazendo comédia e não tenho nenhuma dúvida quanto a isso, eu adoro, mas você se acha engraçada? Ou seguiu esse estilo, pois as pessoas te direcionaram de alguma maneira?

Eu me acho... Não sei se engraçada, me acho uma trastezinha (rs). É verdade! Eu sempre tive a voz grossa, sempre tive um nariz grande, o pé grande, sempre fui a bizarra da turma (rs), então você vê o caminho que você vai seguir. As meninas dançando eram todas bonitinhas, eu errava, batia em nas outras e comecei ver que isso era natural, que era engraçado. É uma coisa espontânea, às vezes não fico me policiando. Quando tenho que criar alguma coisa, gera uma

dificuldade, mas aí eu faço para alguém e falo: “vou fazer só isso?”, a pessoa fala: “faz, que está ótimo, vai ficar engraçado”. Graças a Deus, sinto que é um jeito natural, que as pessoas dão risada. Sou bizarra mesmo, conclusão, eu sou estranha. (rs)

07. Você fez parte do elenco de dois musicais que de uma forma ou de outra disseminava música brasileira para crianças e adultos, a peça infantil “Cantarolando”, que era regada de cantigas de roda e o espetáculo “Romeu e Julieta, o Musical Brasileiro”, cujo repertório era MPB (Pixinguinha, Tom, Chico Buarque), todos do diretor Frederico Reder. A idéia central dos espetáculos era de colocar a música brasileira em contato com o público?

O Cantarolando tinha a idéia de resgatar umas cantigas infantis, ciranda, “boi da cara preta”, cantigas que as crianças de 10 anos iam e ficavam olhando pra gente com uma cara de “que música é essa meu Deus?”. Elas conhecem Rebelde, internet. Acho que as mães hoje em dia não cantam mais, então Cantarolando era super mágico para os adultos. As crianças ficavam encantadas com os palhaços, mas as músicas elas não sabiam. Precisavam receber a letra antes para acompanhar, parecia música em inglês. E o Romeu e Julieta foi maravilhoso, foi um musical brasileiro mesmo. No meio de Bela e a Fera, Fantasma da Ópera, de tanta coisa, a gente fez no Procópio Ferreira (teatro localizado em SP) e foi maravilhoso. A gente fez “Projeto Escola” e divulgamos a música popular brasileira. As pessoas falavam: “Tem o cd do Romeu e Julieta?” e respondíamos: “Gente, é música do Chico Buarque, Pixinguinha.” Pessoas alienadas, até os adultos alienados. É engraçado, né? O teatro para mim é magia. As crianças deviam ir toda semana para o teatro se inspirar, criar, se emocionar mais.

08. Uma mensagem para os frequentadores do site “Poucas e Boas da Mari”.

Primeiro eu estou esperando todo mundo aqui no Ao Vivo, toda segunda-feira, na rua Inhambú, em Moema (SP). Nós somos todos insanos, mas muito divertidos. Eu queria agradecer você, Mari, que é uma fofa, o Márcio (Ribeiro) adora você e com razão. Obrigada pelo carinho, pela atenção, força. E é isso, um beijo para vocês.

Eu que agradeço.